

Afetividade e interatividade na Educação a Distância: análises sobre sujeitos de duas instituições de ensino superior

*Marina Rodrigues Ramos**

*Eucidio Pimenta Arruda***

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar como são estabelecidas as relações de afetividade e interatividade nos processos que envolvem os atores (da Educação a Distância (EaD) e de que forma essas relações contribuem para o processo de ensino e aprendizagem. A problematização busca investigar como acontecem as relações de interatividade e afetividade nos processos que envolvem os atores (aluno, professor, tutor e equipe de profissionais) da educação a distância. Os resultados demonstram que, apesar dos profissionais buscarem oportunizar diferentes estratégias didáticas, a fim de contribuir com o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, ainda existe um longo caminho a ser percorrido para desenvolver as potencialidades da interatividade e afetividade nos processos de ensino e aprendizagem superior.

Palavras-chave: Afetividade. Interatividade. Educação a Distância. Ensino Superior.

* Coordenadora de Desenvolvimento Profissional - Sest Senat. E-mail: rodriguesramosmarina@gmail.com

** Doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social. E-mail: eucidio@gmail.com

Affectivity and interactivity in Distance Education: analyzes on subjects from two higher education institutions

Abstract

This article aims to analyze how affective and interactivity relationships are established in the processes involving the actors (Distance Learning) and how these relationships contribute to the teaching and learning process. the relationships of interactivity and affectivity in the processes that involve the actors (student, teacher, tutor and professional team) of distance education. The results demonstrate that, despite the professionals seeking to opportune different didactic strategies, in order to contribute to the process of teaching and learning of the students, there is still a long way to go to develop the potential of interactivity and affectivity in the processes of teaching and higher learning.

Keywords: Affectivity; Interactivity; Distance Education; Higher education.

Afectividad e interactividad en la Educación a Distancia: análisis sobre sujetos de dos instituciones de enseñanza superior

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar cómo se establecen las relaciones de afectividad e interactividad en los procesos que involucran a los actores (de la Educación a Distancia (EaD) y de qué forma esas relaciones contribuyen al proceso de enseñanza y aprendizaje. La problematización busca investigar cómo suceden las relaciones de interactividad y afectividad en los procesos que involucran a los actores (alumno, profesor, tutor y equipo de profesionales) de la educación a distancia. Los resultados demuestran que, a pesar de que los profesionales buscan oportunizar diferentes estrategias didácticas, a fin de contribuir con el proceso de integración la enseñanza y el aprendizaje de los alumnos, todavía existe un largo camino por recorrer para desarrollar las potencialidades de la interactividad y la afectividad en los procesos de enseñanza y aprendizaje superior.

Palabras clave: Afectividad; La interactividad; Educación a distancia; Enseñanza superior.



Introdução

São diversos os estudos sobre a Educação à Distância (EaD) e, comumente, as pesquisas realizadas tem como foco aspectos relacionados às práticas pedagógicas de ensino e aprendizagem na EaD, ao trabalho realizado pelo tutor e seus desafios, a história da EaD e suas gerações, as tecnologias digitais de informação e comunicação utilizadas ou aos materiais didáticos para EaD¹. Os estudos sobre as relações de interatividade e afetividade no processo de ensino e aprendizagem da EaD são ainda escassos na literatura acadêmica, motivo pelo qual nos interessamos pela temática.

Na sociedade em que estamos inseridos, a comunicação, informação e conhecimento estão presentes, seja no ensino presencial ou na educação a distância, e a escola com o seu papel de “educar” busca possibilitar que advenha um ser humano, membro de uma sociedade e de uma cultura, sujeito singular e insubstituível (CHARLOT, 2013). Assim, o maior desafio das escolas é fazer com que esses elementos presentes na sociedade sejam levados para o ambiente escolar, de forma a oportunizar uma aprendizagem que faça sentido e contribua com o desenvolvimento dos alunos.

Durante o percurso que a escola vem trilhando, Silva (2014) elucida que esse processo de comunicação, informação, produção de conhecimento e de aprendizagens vem sendo construído por meio das interações entre os sujeitos envolvidos nesta ação – professores e alunos que se beneficiam de elementos da comunicação presentes em cada tempo histórico que contribuem com a educação. Elementos estes que oportunizavam, na maioria das vezes, uma comunicação unidirecional.

Para exemplificar esta análise, Silva (2014) argumenta que a escola vem preparando os sujeitos por meio de lições-padrão, para ocupar seu espaço, e atualmente ainda tem que dar conta do espaço “virtual”, do ciberespaço, que não se limita ao modelo tradicional da difusão de conhecimentos.

Com este desafio, o de oportunizar a aprendizagem utilizando-se dos recursos tecnológicos existentes e dos recursos que surgem a cada dia, seja no ensino presencial ou a distância, o professor tem um elemento de suma importância ao seu favor, que é a interatividade. Utilizamos, aqui, o conceito de interatividade como um aporte da teoria da comunicação que, segundo Silva (2014), pode ser pensada como uma nova tipologia de ensino que está inserida em um processo de reconfiguração das comunicações humanas em toda sua amplitude, não reduzindo o e/ou simplificando o conceito. Neste sentido, as novas tecnologias interativas revitalizam a relação estabelecida entre os atores envolvidos em um processo educacional, oportunizando o estabelecimento de relações com textos, imagens e com o conhecimento em si.

Neste percurso, surge a relevância de analisar e discutir como a interatividade contribui para o processo de ensino e aprendizagem na EaD e, problematizando essa questão,

¹ Exemplificamos alguns autores que tratam dos temas de pesquisa comumente realizadas sobre EaD, como Mill e Pimentel (2010) no qual os autores discutem as práticas pedagógicas cotidianas, na relação dialógica entre professores e alunos, além de problematizarem a questão dos materiais didáticos para EaD. Rêgo (2010) que traz uma problematização importante em relação ao trabalho do tutor sendo um dos principais responsáveis pela interação com os alunos na EaD. Carmem (2007) apresenta as gerações da EaD, a história da EaD no Brasil e no ensino superior e AUTOR (2015) que trata das tecnologias digitais de informação e comunicação e os processos de reconfiguração de modelos de educação a Distância de Nível Superior.



evidencia-se um termo que merece atenção e destaque especial, tendo em vista que o processo comunicacional exige elementos que irão fazer com que um aluno de um curso realizado na modalidade a distância sinta-se próximo e acolhido pela equipe envolvida naquela oferta, que é a afetividade. Assim, buscamos compreender como acontecem as relações de interatividade e afetividade nos processos que envolvem os atores (aluno, professor, tutor e equipe de profissionais) da educação a distância. Também é nosso interesse compreender em que medida essas relações proporcionam um maior envolvimento, participação e engajamento dos alunos nas atividades desenvolvidas.

O termo afetividade tem uma característica relevante que pressupõe contato entre os sujeitos. Carvalho e Lima (2015) definem que emoção e afetividade são elementos a serem considerados em qualquer fase da vida, pois estão presentes em todas as situações e relações pessoais, inclusive nas situações de aprendizagem, entendidas como processo construído socialmente na interação entre os sujeitos históricos.

Desta forma, as relações de afetividade estão presentes na relação de educação, seja ela presencial ou a distância. Podem ser evidenciadas com maior ou menor intensidade, dependendo do grau de interação ou interatividade estabelecido entre os atores envolvidos em um processo educativo.

É preciso aprofundar o estudo e a pesquisa sobre esse termo, para verificar algo tão questionado nos cursos realizados a distância que são, muitas vezes, interpretados como uma modalidade de educação “fria”, na qual existe um distanciamento dos envolvidos devido à inexistência ou à pouca frequência com que ocorrem os encontros presenciais.

Corroborando com esse questionamento, Carvalho e Lima (2015) destacam que a afetividade exerce um papel fundamental nas correlações psicossomáticas básicas, pois, além de influenciar decisivamente a percepção, a memória, o pensamento, a vontade e a ação, constitui um componente essencial da harmonia e do equilíbrio: a personalidade humana.

A educação a distância tem uma história construída por meio da utilização de suportes tradicionais, como o impresso via correio, o rádio e a TV, e com o surgimento da internet vive o seu *boom*. A EaD *on-line*, para Silva (2003), é demanda da sociedade da informação, que cada vez mais compartilha e produz informações. Neste contexto, os cursos realizados nesta modalidade ganham adesão devido à flexibilidade de tempo e espaço, porém, apresentam um grande desafio, que é proporcionar a aprendizagem dos estudantes por meio dos recursos de interação disponíveis nos AVAs e do pouco contato físico entre docente e discente.

Uma das hipóteses a esta problemática pressupõe que o tutor é o principal responsável pelo estabelecimento de vínculos de interatividade e afetividade com os alunos de um curso realizado a distância. Outra seria a de que o professor é o principal responsável pelo estabelecimento dessas relações. E, por fim, existe uma probabilidade de que a equipe de profissionais que os alunos têm contato nos encontros presenciais é a mais próxima deles, por isso, eles estabelecem uma relação de interatividade e afetividade maior com esses sujeitos.

O objetivo principal deste trabalho consistiu em analisar como são estabelecidas as relações de interatividade e afetividade nos processos que envolvem os atores da educação a distância (aluno, professor, tutor e equipe de profissionais) e de que forma essas relações contribuem para o processo de ensino e aprendizagem.



Como proposta metodológica, foi realizada uma pesquisa qualitativa, por meio de um estudo de caso, realizado em uma IES Pública e em uma IES Privada que oferecem cursos de licenciatura e bacharelado a distância, respectivamente. Nosso objetivo foi analisar a oferta em uma IES Pública Federal (por meio do Sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB), e em uma IES Privada, que desenvolve os cursos com recursos próprios.

Buscou-se uma IES Privada que possui sólida experiência na oferta do curso de bacharelado em Administração, que possui uma equipe interdisciplinar que busca atender as demandas sociais e do mercado de trabalho visando oferecer o ensino a distância de qualidade, além de possuir turmas regulares do curso de Administração. E, representando a licenciatura, elegeu-se uma IES Pública vinculada ao Sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB, que também apresenta sólida experiência na oferta do curso de licenciatura em Pedagogia além de turmas regulares do curso em andamento.

Para a coleta de dados, foram desenvolvidos três procedimentos metodológicos: observação *on-line*, entrevistas e questionário semiestruturado, tendo como sujeitos os atores envolvidos na oferta dos cursos, alunos, docentes, tutores, secretarias, suporte técnico e coordenação de curso. Nesse artigo apresentaremos os dados oriundos da observação online. Os resultados foram analisados seguindo as etapas de análise de conteúdo definidas por Laurence Bardin (2010) como uma possibilidade de “analisar metodicamente com vistas a elaborar uma síntese fiel e convincente” do estudo proposto.

Afetividade e Educação a distância: visão da afetividade e processos educacionais

Ao discutir o termo afetividade, muitos estudiosos pensam na relação entre emoções e sentimentos que estão presentes nos relacionamentos e exercem influência sobre o comportamento humano. No âmbito educacional, a afetividade relaciona-se com os atores envolvidos no processo educativo, sejam alunos, professores, equipe pedagógica e/ou equipe técnica administrativa, e essas relações podem levar à construção ou não de vínculos, seja na educação presencial ou na EaD, por meio dos AVAs

O dicionário Houaiss (2001) define afetividade como:

1. Qualidade ou caráter de quem é afetivo;
2. Conjunto de fenômenos psíquicos que são experimentados e vivenciados na forma de emoções e de sentimentos;
3. Tendência ou capacidade individual de reagir facilmente aos sentimentos e emoções; emocionalidade.

Interpretando esta definição, é possível inferir que esses fenômenos psíquicos podem influenciar o interesse, envolvimento, percepção, raciocínio, memória, entre outros, elementos que contribuem para tornar o ato educativo significativo.

A afetividade, do ponto de vista de Grossi et al (2013), é indispensável em qualquer atividade humana, dentre elas, pode-se destacar a educação, em especial na modalidade a distância, uma vez que muitos discentes ainda têm a ideia de que a EaD é uma modalidade de educação “fria”, na qual o discente estuda sozinho e não o tem apoio significativo do professor.



Paulo Freire (1996), ao escrever a “Pedagogia da Autonomia”, sugere práticas e apresenta possibilidades dos educadores(as) estabelecerem novas relações e condições de educabilidade deles(as) entre si, dentro de cada um deles(as) mesmos, e com seus educandos. Ele entendia que essas posturas pessoais e epistemológicas possibilitam a abertura à apropriação do saber. Na realidade, Freire convida os educadores a exercerem uma ética crítica, competência científica e amorosidade autêntica. Apesar do contexto em que este livro foi escrito não se referir a Educação a Distância, podemos trazer a noção de afetividade apresentada pelo autor, uma vez que se refere ao ato educacional em qualquer instância.

Para Freire (1996), é preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, do ponto de vista democrático, que o professor será melhor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” seja nas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que se deve ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que o docente não pode permitir, é que a sua afetividade interfira no cumprimento ético do dever de professor e do exercício da autoridade docente. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança.

Ainda na visão de Freire (1996), não importa com que faixa etária trabalhe o educador ou a educadora. O nosso trabalho é realizado com gente, miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca.

Finalmente, para Freire (1996), como prática humana, a educação jamais pode ser entendida como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos. Para o autor, nem a arrogância é sinal de competência nem a competência é sinal de arrogância.

Carvalho e Lima (2015) realizaram um estudo sobre a “Importância da afetividade na EaD: uma perspectiva de Wallon”, e definem que emoção e afetividade são elementos a serem considerados em qualquer fase da vida, pois estarão presentes em todas as relações pessoais e nas situações que envolvam relações entre pessoas inclusive nas situações de aprendizagem, entendidas como processo construído socialmente na interação entre os sujeitos históricos.

Desta forma, as relações de afetividade estão presentes na relação de educação, seja ela presencial ou a distância. Podem ser evidenciadas com maior ou menor intensidade dependendo do grau de interação ou interatividade estabelecido entre os atores envolvidos em um processo educativo. Carvalho e Lima (2015) destacam que a afetividade exerce um papel fundamental nas correlações psicossomáticas básicas, pois além de influenciar decisivamente a percepção, a memória, o pensamento, a vontade e a ação, constituem um componente essencial da harmonia e do equilíbrio: a personalidade humana.

Por exercer esse papel, o estudo da afetividade nas relações estabelecidas na modalidade a distância exerce um potencial de aproximação ou distanciamento do educando. Tendo em vista as características do ato educativo, Tassoni (2000, p. 3) explica que:

Toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo vincular. Pensando, especificamente, na aprendizagem escolar, a trama que se tece entre alunos, professores, conteúdo escolar, livros,



escrita, etc. não acontece puramente no campo cognitivo. Existe uma base afetiva permeando essas relações.

As experiências vividas em sala de aula ocorrem, inicialmente, entre os indivíduos envolvidos, no plano externo (interpessoal). Através da mediação, elas vão se internalizando (intrapessoal), ganham autonomia e passam a fazer parte da história individual. Essas experiências também são afetivas. Os indivíduos internalizam as experiências afetivas com relação a um objeto específico.

Em ambas modalidades educacionais, presencial ou a distância, a base afetiva é considerada de forma a interferir diretamente no processo de ensino e aprendizagem. Mediante essas discussões, torna-se importante compreender, de forma sintética, aspectos referentes à legislação que fundamenta a Educação a distância no Brasil, a fim de realizar essas inferências específicas a essa modalidade.

Diálogo na EaD

Quando falamos de diálogo, estamos nos referindo, segundo Peters (2006), à interação linguística direta e indireta entre docentes e discentes, portanto, ao diálogo que acontece de *fato*. Já Moore e Kearsley (2008) explicam que o diálogo é um termo que ajuda a focalizar a inter-relação de palavras e ações quaisquer outras interações entre professor e aluno. Esclarecem que diálogo e interação são diferentes, mas que as interações são necessárias para criar diálogo.

Moore e Kearsley (2008) elucidam mediante análise de Moore (1993) que o diálogo é utilizado para descrever uma interação ou várias interações que podem ter qualidades positivas. O diálogo tem uma finalidade, é constitutivo e valorizado por cada participante, ou seja, os envolvidos no diálogo são ouvintes respeitosos e ativos, contribuindo e se baseando na contribuição de outro(s) participante(s). E, em um sentido educacional, o direcionamento do diálogo inclina-se no sentido de uma melhor compreensão do aluno.

No mesmo sentido, Peters (2006), também baseado em Moore (1993), explica que um diálogo é direcionado, constitutivo e apreciado pelos participantes. O termo diálogo sempre se reporta a interações positivas, apesar de haverem interações negativas e neutras. Dá-se importância à proposição de soluções conjuntas de problemas discutidos, a fim de que os estudantes consigam atingir uma compreensão do que está sendo estudado.

Em relação às características deste diálogo, Moore e Kearsley (2008) explicam que sua extensão e natureza estão alinhados à filosofia educacional do indivíduo, ou grupo responsável pela elaboração do curso, à personalidade do docente e discente, ao conteúdo do curso e fatores ambientais. Os autores listam alguns fatores ambientais que afetam o diálogo, tais como: a existência de um grupo de aprendizado e sua dimensão, a linguagem e o meio de comunicação.

O diálogo é extremamente importante no ensino e na aprendizagem na EaD, tendo em vista a função que ele assume, é de grande valia adentrar no entendimento deste conceito e suas implicações didáticas. Peters (2006) elucidada que o diálogo não apenas desempenha funções auxiliares, mas, sim, é também uma forma *autônoma* de ensino e



aprendizagem, com funções pedagógicas e didáticas específicas. Portanto, é importante analisar o diálogo sob a ótica de diferentes disciplinas, em seus aspectos “didático-científicos, didático-universitários, didáticos-teleducativos, pedagógicos, filosóficos, antropológicos bem como sociológicos.” Para o autor, é importante considerar a aprendizagem dialógica na EaD, reconhecendo seus objetivos e potencialidades para além de um estudo baseado em materiais de ensino pré-moldados.

Em relação ao aspecto *didático-científico*, Peters (2006) explica, a partir do estudo da tese de Hartmut von Henting (1971), que a comunicação se torna parte integrante constitutiva e integral do saber e da ciência, isso implica que quem quiser restringir o estudo a distância apenas à recepção de materiais, prejudica significativamente o ensino em sua essência, inclusive sua *cientificidade*. Por isso, o autor esclarece que a comunicação de saber é uma *condição fundamental* do ensino acadêmico. É imprescindível a articulação de *conhecimento e comunicação* como princípio didático para a educação a distância.

Sobre o aspecto *didático-universitário*, Peters (2006) apresenta elementos fundamentais para o aprendizado e reflexão sobre problemas científicos, que podem ser construídos por meio da participação ativa no diálogo. Algumas ações promovem um grau elevado de envolvimento dos estudantes frente ao conteúdo estudado, resultando muitas vezes em um maior engajamento dos alunos, como por exemplo, troca de ideias distintas, confronto de opiniões, assumir posições, exercer o senso crítico. O que não pode ser desenvolvido somente com a leitura e reflexão isolada de determinado conteúdo.

Neste sentido, quando apresentamos essas potencialidades do diálogo, consideramos que ele contribui positivamente para o processo de ensino e aprendizagem especialmente na educação a distância. Segundo Peters (2006), o diálogo oferece, possibilidades das quais nenhuma outra forma de ensino dispõe.

Sobre o aspecto *didático-teleducativo*, Peters (2006) explica que a relação sujeito-objeto se transforma em uma relação eu-tu, relação sujeito-sujeito. Devido ao grande número de discentes, normalmente existe uma relação de anonimidade dos docentes, atendo-se a uma relação de objetivação das funções didáticas e sua aplicação técnica, desenvolvendo apenas relações sujeito-objeto. Portanto, o diálogo pode oportunizar a relação eu-tu, de modo que haja um envolvimento da personalidade e individualidade dos docentes e discentes para que as relações se tornem primordialmente *educativas*.

Um aspecto essencial elucidado por Peters (2006) é o *aspecto pedagógico*. Para o autor, o diálogo assume caráter relevante pedagogicamente porque articula linguagem, pensamento e ação em uma relação íntima que oportuniza o desenvolvimento individual e social dos seres humanos. Assim, o falar torna-se uma ação social.

Peters (2006) também discute o *aspecto filosófico e antropológico* do diálogo. Em relação ao primeiro, entende-se que no diálogo experimenta-se de modo insubstituível uma forma de vida importante para a existência do ser humano, e em relação ao segundo ponto, no diálogo, trata-se de uma relação elementar da existência humana, porque ele é meio pelo qual surge a língua, em que o homem se torna humano e capaz de conviver em sociedade.

Por fim, Peters (2006) apresenta *aspectos sociológicos* e esclarece a seriedade de compreensão do diálogo em contextos importantes como o de *interação social e comunicação*. A interação social é caracterizada pelas inter-relações em uma determinada situação



social, temos um processo de troca de valores e posicionamentos, acontecendo, assim, a socialização dos indivíduos por meio da aprendizagem de símbolos e papéis. Já a comunicação é, sob o ponto de vista psicossocial, interação linguística, em que o interesse está no sentido e significado do que foi comunicado. O que é fundamental entender é que como pano de fundo dessas teorias, ensinar e aprender são processos de *interação e comunicação*.

Interação na EaD

Mediante a compreensão da importância que o diálogo assume para o processo de ensino e aprendizagem na educação a distância, nos ateremos ao entendimento e compreensão da natureza da interação e nas formas de viabilizá-la por meio de comunicação mediada via tecnologia. Moore e Kearsley (2008) identificaram três tipos distintos de interação: interação do aluno com o conteúdo, interação com o instrutor e interação com outros alunos.

A interação do aluno com o conteúdo do curso para Moore e Kearsley (2008) é a primeira que o docente tem que facilitar. Essa interação representa uma das características definidoras da educação, que é um processo de aprendizado planejado de determinada matéria, auxiliado por um docente. A partir do conteúdo do curso, que geralmente é definido previamente pelos profissionais que o elaboram, o aluno precisa construir seu conhecimento por meio de um processo de inserção pessoal das informações em estruturas cognitivas previamente existentes.

A interação do aluno com o instrutor para Moore e Kearsley (2008) é considerada essencial para o processo de ensino e aprendizagem. A partir da apresentação do conteúdo, os instrutores auxiliam os alunos a interagirem com ele, ou seja, buscam despertar nos alunos o interesse pela matéria que está sendo discutida. Além disso, os docentes procuram auxiliar os alunos na aplicabilidade do que está sendo discutido. Cabe aos docentes avaliar o desempenho dos alunos, por meio de avaliações formais e informais, a fim de certificar se eles estão progredindo. E, esse tipo de interação permite que os docentes proporcionem conselhos aos alunos, apoio e incentivo, dependendo da personalidade e filosofia de cada um, além de outras variáveis.

O docente, especialmente em um curso a distância, assume uma posição de suma relevância. Moore e Kearsley (2008) comentam que quando os alunos interagem com o conteúdo do curso, sem uma mediação, se tornam vulneráveis no momento de aplicação devido ao desconhecimento do que está sendo apresentado. Além de terem o papel de apresentar potencialidades da matéria, os docentes auxiliam na aplicação correta do que está sendo estudado.

Já a interação entre os alunos é uma dimensão relativamente nova para os docentes da EaD. Moore e Kearsley (2008) explicam que essa interação para os alunos é estimulante e motivadora. Esse tipo de interação pode acontecer internamente nos grupos e entre os grupos, e de aluno para aluno em ambientes *on-line*. Os docentes podem criar grupos para que os alunos realizem atividades juntos, oportunizando esse tipo de interação. Na maioria das vezes, as discussões entre os alunos são extremamente valiosas e contribuem para que eles reflitam sobre o conteúdo que foi apresentado.



Interação e Interatividade

Para Silva (2014), a “comunicação interativa” já era presente no meio acadêmico dos anos 1970, expressando bidirecionalidade entre emissores e receptores, expressando troca e conversação livre e criativa entre os polos do processo comunicacional. Essa concepção de comunicação foi engajada no contexto de crítica aos meios e tecnologias de comunicação (rádio, jornal e televisão) marcadamente unidirecionais, onde prevalece a força da emissão dos produtores sobre os consumidores.

De acordo com Almeida (2003), etimologicamente, interação diz respeito à ação recíproca com mútua influência nos elementos inter-relacionados. E interatividade se apresenta como um potencial que propicia a interação. E, para ela, alguns autores aproximam os conceitos de interação e interatividade. Almeida (2003) explica que a interatividade permite ultrapassar a condição de espectador passivo para a condição de sujeito operativo. Assim, ocorre a interatividade relacionada ao diálogo entre emissor e receptor, a criação coletiva da comunicação e a intervenção dos usuários.

Silva (2014) cita um estudo realizado pelos autores Rabaté & Lauraire, que realizaram um levantamento das publicações que tratavam das redes de telecomunicação no plano técnico-funcional e organizacional e a partir desse levantamento eles identificam mais objetivamente três momentos dos quais procede à noção de interatividade, são eles:

- De um lado os campos teóricos supramencionados, notadamente das análises que estão presentes na relação entre usuário humano e aplicações informativas de caráter conversacional, onde
 - Interação - > interatividade
 - (termo neutro) (+ conversacional);
- No mesmo domínio, da ideia de um intermediário, de um dispositivo de tradução com vocação de assegurar o diálogo: a noção de interface;
- E mais largamente, a ideia de uma bidirecionalidade, de uma troca bilateral: quando a comunicação (a transmissão de mensagem) opera nos dois sentidos, sob forma interindividual ou intergrupala, é a interatividade.

Neste sentido, para Silva (2014), a noção flutua então entre dois polos: a relação homem máquina e a relação homem-homem. Para ilustrar, os autores oferecem o Quadro 2, abaixo, onde distinguem a noção de interatividade em “interatividade tecnológica”, prevalecendo o diálogo, e a comunicação e a troca de mensagens e a “interatividade situacional” definida pela possibilidade de agir-interferir no programa e/ou conteúdo.

Valle e Bohadana (2012) aprofundam a análise sobre a interação e interatividade e apresentam um estudo no qual é possível realizar uma diferenciação dos conceitos após o estudo de Arendt (que se apoia nas teorias aristotélicas das práxis desenvolvidas nas obras dedicadas às questões éticas, afirmando que a existência humana é marcada por três tipos de atividades: o labor, o trabalho e a ação). Assim, toda práxis humana é necessariamente interação – não há ação humana que não seja, direta ou indiretamente, interação.

E o que seria então a interatividade? Prosseguindo, as autoras Valle e Bohadana (2012) definem a interatividade como “atividade” entre humanos por intermédio de..., ou ainda atividade do humano consigo mesmo, com a mediação de...: a referência ao ser



humano permanece, e a interação é estabelecida como pano de fundo que dá a ver o sentido que o mundo natural ou o mundo artificial das coisas por si só não pode conceder a qualquer modo ou aspecto da existência humana.

Assim, de acordo com Grossi et al (2013), a construção do conhecimento ocorre a partir das relações sociais, da interação entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem (alunos-alunos e alunos-professores), subsidiados por suportes tecnológicos que o professor pode utilizar para desenvolver estratégias didáticas que vão de encontro ao objetivo do curso e permitam a maior interação entre os educandos.

Ainda para Grossi et al (2013), a interatividade é um elemento fundamental para a aprendizagem a distância. Uma vez que, no contexto da EaD, o favorecimento da interação oportuniza novas relações com o conhecimento, já que nos AVAs, o aluno pode realizar escolhas que podem ser mediadas pelo uso de suportes e recursos tecnológicos.

Ao escrever sobre a epistemologia da complexidade e interatividade, Silva (2014) apresenta como “pedra angular” a compatibilidade entre a epistemologia da complexidade de E. Morin e a modalidade comunicacional (interativa) disponibilizada pelas tecnologias hipertextuais ou novas tecnologias informáticas.

Neste sentido, o conceito de interatividade apresentado por Silva (2014) vislumbra a possibilidade de uma conjunção complexa operando entre o usuário e a tecnologia hipertextual. Entendendo essa conjunção como “diálogo” e como “multiplicidade” que se opõe à velha categoria unitária produtora de consensos coletivos baseados em disjunções e simplificações. Neste contexto, o autor se refere à mídia clássica (rádio, cinema, imprensa e TV). Portanto, é nesta concepção de pensamento complexo que o autor formula uma primeira definição do conceito de interatividade:

Interatividade é a disposição consciente de um *mais comunicacional* de modo expressivamente complexo, ao mesmo tempo atentando para as interações existentes e promovendo mais e melhores *interações* – seja entre usuário e tecnologias digitais ou analógicas, seja nas relações “presenciais” ou “virtuais” entre os seres humanos. (SILVA, 2014, p. 25).

Araújo (2005) explica que, apesar do uso da palavra interatividade em português, esta não consta no Dicionário Aurélio de 1986, aparecendo apenas o termo “interativo” se referindo à interação. Para a autora, o termo interatividade é associado aos produtos educacionais eletrônicos que buscam uma participação ativa do receptor. Com isso, a interatividade é praticamente nula nos meios em que a comunicação conserva a unidirecionalidade. Dialogia, interação, interatividade e afetividade na EaD sob o olhar dos atores envolvidos na oferta dos cursos

Dialogia, interação, interatividade e afetividade compreendidas mediante procedimento de observação on-line: IES privada x IES pública

Bardin (2010) explica que é possível resumir o terreno, o funcionamento e o objetivo da análise de conteúdo da seguinte maneira:



Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (qualitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2010, p. 44).

A autora esclarece que a explicitação e sistematização do conteúdo das mensagens e da expressão desse conteúdo é organizada a partir de um conjunto de técnicas. A finalidade dessa abordagem é efetuar deduções lógicas e justificadas levando em consideração o emissor e seu contexto. Desta forma, ainda segundo Bardin (2010), o analista possui à sua disposição (ou cria) todo um jogo de operações analíticas, a fim de fundamentar impressões e juízos intuitivos por meio de operações conducentes a resultados confiáveis.

Desta forma, para Bardin (2010), uma análise qualitativa vai além da mera frequência de aparição de determinados elementos da mensagem, e sim recorre a indicadores não frequenciais susceptíveis de permitir inferências. Desta forma, contemplamos na análise as categorias definidas no item 4.1 alinhadas aos referenciais teóricos utilizados na redação dos Capítulos I, II e III.

Estruturamos a análise a partir dos instrumentos utilizados na coleta de dados, ou seja, iniciamos pela análise do procedimento de observação *on-line* realizado em ambas instituições, tendo como referência o roteiro de observação apresentado no item 5.2. Em seguida, partimos para a análise dos questionários e entrevistas realizados com os diferentes atores envolvidos na oferta dos cursos de ambas instituições, levando em consideração as categorias articuladas ao referencial teórico apresentado na dissertação.

Por fim, buscamos uma aproximação entre os procedimentos de observação *on-line* e entrevistas/questionários, a fim de identificar a coerência na comunicação apresentada pelos sujeitos da pesquisa.

Observação on-line IES Privada

No primeiro contato com a coordenação de curso da IES Privada de Belo Horizonte, foi possível conhecer um pouco as características, organização e funcionamento do curso dentro da IES, além de realizar a observação *on-line* no AVA. O curso que escolhemos como objeto de pesquisa foi o de graduação a distância em Administração – bacharelado. De acordo com a coordenadora, o curso de graduação é ofertado a distância e as provas são realizadas presencialmente aos domingos, conforme legislação. As disciplinas são ministradas por um docente efetivo da IES, ou seja, o mesmo docente que atua no ensino presencial também atua nos cursos a distância.

A plataforma utilizada é o Moodle, sendo que cada docente realiza a mediação de uma disciplina. Assim como no ensino presencial, cada docente organiza sua disciplina e planeja suas aulas e atividades no AVA da turma. Os docentes realizam todas as intervenções e acompanhamentos didáticos-pedagógicos referentes à parte técnica da disciplina, ou seja, todas as orientações e esclarecimento de dúvidas referentes ao conteúdo, e à parte técnica do curso, propriamente dito, são realizadas pelo docente.

Os tutores da IES pesquisada desempenham papéis diversos no curso: administrativo, no suporte administrativo aos alunos na plataforma, esclarecendo dúvidas e orien-



tando em relação a aspectos diversos, não diretamente pedagógicos, relacionados ao curso; trabalham com o suporte pedagógico ao docente, por meio do auxílio no gerenciamento e acompanhamento das atividades que estão sendo desenvolvidas. Destaca-se nessa atividade que os tutores não realizam intervenções pedagógicas não planejadas pelo docente, apenas intervenções administrativas, por meio das orientações da coordenação do curso.

Todos os recursos educacionais do curso são desenvolvidos pela própria instituição, em diferentes suportes midiáticos, como vídeo-aulas, *e-books*, simulações etc. Os recursos são disponibilizados no AVA e os alunos possuem acesso a uma biblioteca virtual, facilitando assim, o conhecimento de todos os livros e demais referências utilizadas no curso.

A etapa de observação *on-line* do AVA utilizado pela IES foi desenvolvida pelo pesquisador junto à coordenadora do curso. Devido à forma com que o procedimento foi realizado, não conseguimos ilustrar os itens previstos no roteiro de observação, portanto apresentaremos de forma descritiva. Baseamo-nos nos princípios que elegemos como fundamentais para conhecer a estrutura do ambiente, bem como o que ele oportuniza aos estudantes, como fóruns, atividades, possibilidades de interação com os atores envolvidos na oferta, tendo sempre em vista nossa problematização.

A IES utiliza o AVA – Moodle e todas as atividades desenvolvidas ao longo do curso são realizadas nesse ambiente, considerando desde o momento de ambientação do aluno, até o momento de solicitação de diploma ao final do curso. Sendo o Moodle uma plataforma livre de apoio à aprendizagem, a IES dispõe de diversos recursos para que o aluno sintá-se acolhido e atendido em todas as suas necessidades ao longo do desenvolvimento do curso, sejam elas pedagógicas ou administrativas.

A IES disponibiliza, logo no início do curso, um espaço da coordenação de curso junto ao aluno. Esse espaço é para que os alunos conheçam a IES e é uma forma de ambientá-lo de forma virtual. É interessante descrever elementos e recursos presentes neste espaço que proporcionam uma interação e aproximação do aluno aos atores envolvidos na oferta do curso na Instituição. Logo no início, é disponibilizado um espaço para comunicação com um quadro de avisos e um fórum denominado “converse com a coordenação” para que os alunos calouros conheçam e dialoguem com a coordenação do curso.

Em seguida, é disponibilizado um espaço de boas-vindas, onde o aluno terá informações sobre o curso, uma mensagem do Reitor, uma mensagem do Diretor e uma mensagem da coordenação do curso, sendo que todas essas mensagens são gravadas em formato de vídeo, permitindo ao aluno conhecer parte dos responsáveis pelo curso na IES. Existe um espaço denominado “explorando a Universidade” onde o aluno irá conhecer o Núcleo Docente Estruturante (NDE), o colegiado de coordenação didática do curso, fundamentos da pesquisa na IES e orientações para realização de intercâmbios internacionais. Por fim, o aluno tem acesso às normas acadêmicas, avisos da coordenação, documentos orientadores para elaboração de projetos de pesquisa e vídeos das aulas inaugurais realizadas com temas interdisciplinares, orientações sobre exames de validação, regulamentação da profissão e uma biblioteca virtual.

Dando continuidade, logo após, o aluno tem acesso às disciplinas que irá realizar no decorrer do curso, sendo que a estrutura interna do ambiente das disciplinas segue a



mesma organização e sequência lógica. Descreveremos de forma sintética a organização de uma disciplina do curso. Inicialmente são apresentadas informações gerais importantes para o desenvolvimento do aluno, como apresentação da disciplina, plano de ensino, cronograma, quadro de avisos, fórum de discussão, atendimento administrativo, correio acadêmico, biblioteca virtual e minha biblioteca. E, em seguida, são disponibilizados os espaços de desenvolvimento do conteúdo propriamente dito da disciplina, que geralmente é dividido em unidades, sendo que cada unidade contém orientações de estudo, esquemas teóricos, vídeos, textos, materiais externos e atividades de aprendizagem.

Pretendíamos, com a observação *on-line*, conhecer como as IES organizam o AVA, no que tange: à sua estrutura – aspectos visuais e ferramentas disponíveis; aos fóruns – tipos de fóruns, linguagem utilizada pelos participantes, frequência das intervenções realizadas por tutores e docentes, participação, envolvimento e engajamento pelos alunos; às atividades realizadas – clareza nas explicações, conteúdos e indicações de referências, sugestões de leitura; aos *feedbacks* e/ou devolutivas – clareza nas informações, linguagem utilizada, tempo de retorno e forma com que são estabelecidas as interações entre: secretaria, suporte técnico e coordenação de curso.

Com isso, a observação *on-line* na IES Privada nos permitiu inferir que, a organização do AVA do curso permite uma interação do aluno com os atores envolvidos na oferta do curso. Este momento de ambientação realizado é de suma relevância para que o calouro conheça quais são as referências institucionais e os responsáveis pelo curso na IES. Percebe-se que tudo que é considerado relevante para que os alunos sintam-se acolhidos e integrados à IES, é oportunizado a eles por meio do AVA.

No momento da observação *on-line*, a coordenadora explicou que a IES se preocupa com o “cuidado” no estabelecimento das relações na oferta de um curso, citou como exemplo o procedimento de “Boas Vindas” que realizam para os calouros, que é efetivado por meio da produção de vídeo com mensagem de todos os atores (desde o Reitor ao corpo técnico administrativo) da IES para o aluno que acabou de ingressar na Instituição, além do espaço “Explorando a Universidade”. Esse procedimento, segundo ela, é realizado para que o discente se sinta ambientado a IES, ao AVA e conheça o corpo técnico e administrativo que estará envolvido no desenvolvimento da oferta do curso. Esse procedimento é interessante, uma vez que, de acordo com Silva (2014), na internet as interações se dão no “virtual” [...] o “virtual” é o mundo das interações com imagens e sensações aparentemente reais geradas por computador.

Essa diferenciação de papéis do docente e do tutor estruturada na IES é importante para que os alunos tenham uma referência, e não se sintam confusos no momento em que precisarem de quaisquer orientações desses profissionais.

Em relação aos recursos educacionais, que são desenvolvidos pela própria IES e acessados pelos alunos em diferentes suportes além da biblioteca, corroboram com a visão de Silva (2014), que afirma que as novas tecnologias interativas revitalizam a relação estabelecida entre os atores envolvidos em um processo educacional, oportunizando o estabelecimento de relações com textos, imagens e com o conhecimento em si.

A dimensão da interação e interatividade na perspectiva de Valle e Bohadana (2012) são observáveis nas relações estabelecidas no AVA. Para as autoras, a interatividade é considerada como uma “atividade” entre humanos por intermédio de..., ou ainda ati-



vidade do humano consigo mesmo, com a mediação de...: a referência ao ser humano permanece, e a interação é estabelecida como pano de fundo que dá a ver o sentido que o mundo natural ou o mundo artificial das coisas por si só não pode conceder a qualquer modo ou aspecto da existência humana. Neste sentido, percebemos que a equipe envolvida na concepção e oferta do curso reconhece a importância das dimensões de interação e interatividade e oportunizam possibilidades para que as relações aconteçam de forma harmônica, tentando aproximar do aluno e acolhê-lo à IES por meio dos recursos e ferramentas disponíveis no Moodle.

Com a observação *on-line* foi possível identificar que o AVA da IES é organizado de forma a oportunizar o diálogo, interação e interatividade entre os alunos e os atores envolvidos na oferta do curso. Porém, esse procedimento sozinho não nos permite compreender a questão da afetividade, considerada sob uma perspectiva que vai além das relações puramente formais presentes no AVA. Pretendemos explorar essa questão com maior profundidade a partir da análise dos outros instrumentos utilizados na coleta de dados, entrevistas e questionários.

Observação on-line IES Pública

Na IES Pública localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, realizamos o procedimento de observação *on-line* nas turmas ativas de Pedagogia do 6º (sexto) período. Assim como na Privada, o curso é realizado totalmente a distância, com avaliações e encontros presenciais conforme Decreto nº 9057/2017. O curso é vinculado ao sistema da UAB e, tendo em vista os objetivos da pesquisa, selecionamos como objeto de análise a disciplina “Ensino e Aprendizagem de Ciências do Ambiente”, que atualmente possui 13 (treze) turmas ativas, divididas por polos. O AVA das turmas é estruturado pela docente responsável pela disciplina e conta com a colaboração dos tutores para prever as estratégias didáticas a serem desenvolvidas ao longo da oferta.

Devido ao fato de a estrutura interna do ambiente seguir o mesmo *layout*, escolhemos uma turma em específico do polo X, e iremos descrever o procedimento de observação *on-line* que, neste caso, foi realizado com o acesso de “pesquisador” fornecido pela IES. Nos permitindo, portanto, apresentar figuras que ilustrem o que iremos descrever com base no roteiro de observação.

Em relação à estrutura do AVA, aspectos visuais (*layout*) e ferramentas disponíveis, observamos que os alunos têm acesso logo no início da disciplina a três fóruns gerais, sendo um destinado aos “avisos”, o outro denominado “fórum de notícias” e um “fórum de dúvidas”. Logo abaixo aos fóruns, os alunos têm acesso ao Plano de Ensino e cronograma de atividades, conforme apresentado a seguir:



Figura 1 – Apresentação da disciplina Ensino e Aprendizagem de Ciências de Ambiente I

Fonte: Tela do AVA – IES Pública.

A disponibilização desses fóruns nos permite observar que a IES, na pessoa do docente, organiza espaços destinados aos avisos gerais, às notícias que serão enviadas aos alunos no decorrer do curso e um espaço ao esclarecimento de dúvidas.

Em seguida, os alunos já têm acesso às Unidades do curso. No caso desta disciplina em específico, observamos a composição de três Unidades. Cada Unidade é apresentada com o título e uma ilustração remetente ao texto, em seguida os alunos têm acesso aos materiais didáticos, neste caso observamos haver uma apostila e um fórum específico para cada Unidade. Neste momento, os fóruns assumem um caráter didático, sendo utilizados para a problematização de questões referentes à disciplina. Ilustramos com as Figuras 2, 3 e 4 abaixo:

Figura 2 – Unidade 1 da disciplina Ensino e Aprendizagem de Ciências de Ambiente I

UNIDADE I : O ENSINO E APRENDIZAGEM DE CIÊNCIAS DO AMBIENTE: TENDÊNCIAS E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Fonte: Tela do AVA – IES Pública.

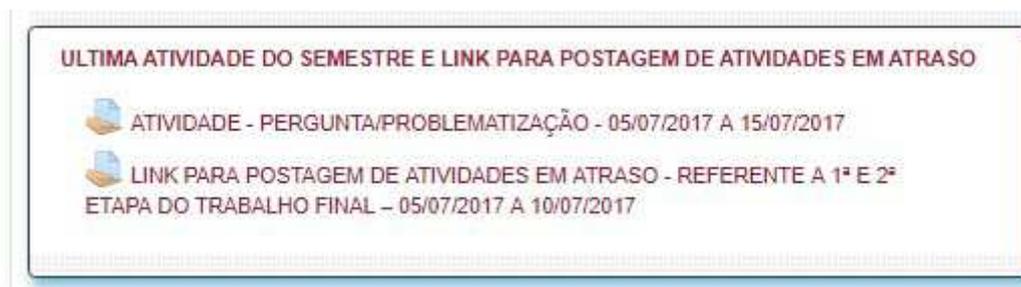
Podemos observar que as Unidades apresentam um *layout* limpo, ou seja, as informações estão claras e de fácil acesso, contribuindo para que os alunos localizem os materiais que serão a base para o desenvolvimento das atividades previstas nas disciplinas.

Esta disposição corrobora com a discussão apresentada por Moore e Kearsley (2008) que comentam que, quando os alunos interagem com o conteúdo do curso, sem uma mediação, se tornam vulneráveis no momento de aplicação, devido ao desconhecimento do que está sendo apresentado. Além de terem o papel de apresentar potencialidades da matéria, os docentes auxiliam na aplicação correta do que está sendo estudado.

Em relação às imagens utilizadas pela docente, consideramos importante para deixar o ambiente mais atrativo, tendo em vista que estão relacionadas ao que está sendo discutido.

Após a disponibilização das Unidades, é disponibilizado o trabalho final, que, neste caso em específico, foi um único trabalho dividido em duas partes devido à estratégia didática elaborada pela docente. A docente disponibiliza ainda um espaço para a postagem da última atividade do semestre e um *link* para que os alunos postem as atividades em atraso.

Figura3 – Última atividade do semestre e *link* para postagem de atividades em atraso



Fonte: Tela do AVA – IES Pública.

A observação *on-line* na IES Pública foi realizada conforme descrito anteriormente com o acesso na condição de pesquisadora, no AVA das turmas. Devido ao fato das 13 (treze) turmas ativas estarem cursando a mesma disciplina, escolhemos uma para o procedimento de observação, tendo em vista que a estrutura do AVA é idêntica em todas as turmas.

Mediante esse procedimento, inferimos que na IES Pública, a estrutura do AVA no que se refere aos aspetos visuais e ferramentas apresenta a disposição dos estudantes, o calendário com os próximos eventos e as atividades recentes realizadas. Observamos a presença de ilustrações (imagens) relacionadas ao conteúdo da disciplina em cada tópico do ambiente, como pode ser visualizado nas figuras apresentadas. Acreditamos que essas imagens auxiliam, na medida em que buscam despertar interesse do aluno pelos temas tratados.

Logo no início da disciplina, são disponibilizados os fóruns de avisos, notícias e dúvidas. Essa organização contribui para que o aluno consiga identificar onde ele irá postar suas dúvidas e onde irá localizar os avisos e notícias referentes à disciplina. Isso evidencia a preocupação com o diálogo e interação com os alunos, oportunizando o acesso a

informações que perpassam os conteúdos do curso, mas que estão diretamente relacionadas à oferta da disciplina.

Sobre a disposição das Unidades, que se apresenta de forma linear, alternando aspectos relacionados ao conteúdo e propostas de atividades, inferimos que os diferentes suportes midiáticos apresentados, vídeo, apostila e, em seguida, a discussão mediada sobre o assunto em um fórum, permitem envolvimento e participação dos estudantes com o objetivo de proporcionar o aprendizado. Essa disposição corrobora com a discussão apresentada por Moore e Kearsley (2008), que quando os alunos interagem com o conteúdo do curso, sem uma mediação, se tornam vulneráveis no momento de aplicação devido ao desconhecimento do que está sendo apresentado. Além de terem o papel de apresentar potencialidades da matéria, os docentes auxiliam na aplicação correta do que está sendo estudado.

Em relação ao trabalho final e à última atividade do semestre, percebe-se novamente que o professor, além de apresentar um conteúdo referente ao que seria proposto na atividade, organiza duas atividades de aprendizagem com diferentes possibilidades de produção, sendo um texto dissertativo e um plano de ação, em que o aluno irá pensar, problematizar, agir e refletir. Conforme citado por Moore e Kearsley (2008), ao criar um ambiente propício para o aprendizado, o instrutor deve preocupar-se com que o aluno seja bem-sucedido e se empenhe para atingir as metas propostas.

Esses fatos corroboram com a proposta da educação na modalidade a distância, que busca utilizar-se das diferentes ferramentas e recursos disponíveis no AVA com o intuito de oportunizar a aprendizagem dos alunos.

Considerações finais

Mediante análises dos resultados verificamos que ainda existe um longo caminho a ser percorrido, a fim de desenvolver as potencialidades da interatividade e afetividade nos processos de ensino e aprendizagem superior. Podemos pressupor que uma das dificuldades no estabelecimento dessas relações de interatividade e afetividade nos cursos realizados na modalidade a distância possa estar relacionada às condições de trabalho e ao fato da falta de políticas públicas que regulamentem a atuação dos profissionais que atuam nesta modalidade de ensino, como docente e tutor, de forma a equiparar com as condições de um docente de um curso presencial, contribuindo assim para potencializar a qualidade da oferta dos cursos.

Esta lacuna pode dificultar o trabalho do docente e tutor à medida que são abertas possibilidades para uma oferta que, muitas vezes, foca-se somente na transmissão de conteúdos, podendo comprometer a qualidade do processo de ensino e aprendizagem.

Em relação à análise realizada em uma IES Privada e uma Pública e em um curso de bacharelado e um de licenciatura, poderíamos pressupor que o curso de licenciatura por ser da área de humanidades promoveria um maior grau de afetividade entre os atores envolvidos na oferta, em relação ao curso de bacharelado da área de exatas. Porém, após realização da pesquisa, verificamos que as condições para o desenvolvimento da afetividade seja na IES Privada ou na Pública estão intimamente relacionadas às características



da oferta, tais como, estratégias didáticas utilizadas, abertura dada aos profissionais para se posicionarem pessoalmente, existência de instrumentos e mecanismos digitais que permitam conversas que ultrapassem os roteiros pré-definidos das disciplinas, entre outras características que impactam no estabelecimento de relações de afeto.

São múltiplos os fatores que influenciam no desenvolvimento e oferta de um curso, existem muitos atores envolvidos na concepção e acompanhamento do curso, são muitas as expectativas tanto dos educadores quanto dos educandos que precisam entrar em sinergia para que o processo de ensino-aprendizagem aconteça e faça sentido para a formação de um futuro profissional que irá fazer a diferença no local em que for atuar. Portanto, pensar em uma EaD que considere todos esses fatores, para além dos fatores tecnológicos, é uma tarefa mais do que urgente para a melhoria da qualidade da educação superior a distância contemporânea.

Com este estudo abrimos um campo amplo de questões que ainda precisam ser pesquisadas e compreendidas no que tange a interatividade e afetividade na EaD. É necessário problematizar estas questões a fim de contribuir com avanços relacionados ao processo de ensinar e aprender nesta modalidade de ensino.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Maria Elizabeth Biancocini de[MF1]. Educação, Ambientes virtuais e interatividade. In: SILVA, Marco. *Educação On-line: teorias, práticas, legislação, formação corporativa*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003, p. 203-217.
- ARAÚJO, Yara Rondon Guasque. *Telepresença: interação e interfaces*. São Paulo: EDUC / Fapesp, 2005.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa / Portugal. Edições 70, LDA. 2010.
- BRASIL. *Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/D9057.htm>. Acesso em: 15 ago. 2018.
- CARMEM, Maia e MATTAR, João. *ABC da EaD*. São Paulo: Person Prentice Hall, 2007.
- CARVALHO, Marcelly Reis; LIMA, Rosângela Lopes. *A importância da afetividade na EaD: uma perspectiva de Wallon*. 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/edapeci/article/view/3391>>. Acesso em: 29 abr. 2018.
- CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber às práticas educativas*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro; MORAES, Aline Lopes; BRESCIA, Amanda Tolomelli. *Interatividade em Ambientes Virtuais de Aprendizagem no processo de ensino e aprendizagem na Educação a Distância*. 2013. Disponível em <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/arquivobrasileiroeducacao/article/view/5683/5543>>. Acesso em: 29 abr. 2018.
- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 1.0. 1 [CD-ROM], 2001.
- MILL, Daniel Ribeiro Silva; PIMENTEL, Nara Maria. *Educação a distância: desafios contemporâneos*. São Carlos: EdUFSCar, 2010.
- MOORE, Michael G; KEARSLEY, Greg. *Educação a distância: uma visão integrada*. Tradução Roberto Galman. São Paulo: Cengage Learning, 2008.
- PETERS, Otto. *Didática do ensino a distância*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.



RÊGO, M. *Tutoria e Formação Humana no Ensino Superior a distância*. 2010. 157. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2010.

SILVA, Marco. *Sala de aula interativa*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

TASSONI, Elvira. *Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno*. 2000. Disponível em: <<http://23reuniao.anped.org.br/textos/2019t.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2018.

VALLE, Lílian do; BOHADANA, Estrella D'alva Benayon. Interação e interatividade: por uma reantropologização da EaD *on-line*. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 33, n. 121, p. 973-984, dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302012000400003>. Acesso em: 25 abr. 2018.

